

Adaptação ao Contexto Português do Inventário de Estilos Parentais

*Adaptation of the Parenting Styles Inventory to
the Portuguese Context*

*Adaptación al Contexto Portugués del Inventario
de Estilos Parentales*

*Adaptation au Contexte Portugais de l'Inventaire
des Styles Parentaux*

*Adattamento al Contesto Portoghese
dell'Inventario degli Stili Genitoriali*

Joana Carneiro Pinto

Mestre em Intervenção Social em Risco de Exclusão Social pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Tem vindo a estudar na área social com enfoque nos estilos parentais.

E-mail: joanacarneiro1996@gmail.com

Madalena Sofia Oliveira

Professora Doutora em Psicologia. Especialista em Ciências Forenses e Vitimologia, com atuação académica e científica voltada ao estudo da violência, processos de vitimização e interfaces entre psicologia e justiça.

E-mail: madalenasofiaoliveira@gmail.com

Carlos Silva Peixoto

Mestre em Psicologia Clínica e Forense. Atua no Instituto Superior de Serviço Social do Porto (ISSSP), com experiência nas áreas de avaliação psicológica forense e intervenção em contextos de vulnerabilidade social e vitimização.

E-mail: carlos.peixoto@isssp.pt

Maria Alexandra do Céu Ferreira Serra

Professora Doutora. Docente e investigadora no Instituto Universitário de Ciências da Saúde (IUCS-CESPU), com atuação acadêmica na área das ciências da saúde e investigação interdisciplinar em contextos clínicos e psicossociais.

E-mail: alexandra.serra@iucs.cespu.pt

Data do envio: 12/01/2026

Data do Aceite: 06/03/2026

Adaptação ao Contexto Português do Inventário de Estilos Parentais

Adaptation of the Parenting Styles Inventory to the Portuguese Context

Adaptación al Contexto Portugués del Inventario de Estilos Parentales

Adaptation au Contexte Portugais de l'Inventaire des Styles Parentaux

Adattamento al Contesto Portoghese dell'Inventario degli Stili Genitoriali

Sumário: Introdução. 1. Método. 1.1. Participantes. 1.2 Instrumentos. 1.3 Procedimentos. 1.4 Análise de Dados. 2. Resultados. 2.1 Validade de Conteúdo. 2.2 Validade convergente. 2.3 Validade divergente. 2.4 Fidelidade. 2.5 Sensibilidade. 2.6 Discussão. Considerações Finais. Limitações. Referências.

RESUMO

Contexto: Os estilos parentais representam uma dimensão central na área da parentalidade, pelo que se torna fundamental adaptar instrumentos à população portuguesa que nos permitam avaliar as práticas parentais promotoras de comportamentos antissociais e pró-sociais.

Objetivo: O presente estudo procurou traduzir e adaptar para a população portuguesa o Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006, 2021) apresentando também as suas qualidades psicométricas e explorar alguns dados diferenciais.

Método: O processo que deu origem à recolha de dados foi amostragem probabilística aleatória. O questionário foi aplicado a uma amostra de 307 participantes 258 (84%) do sexo feminino e 48(15,6) do sexo masculino (15,6%), com uma média de idades situada nos 39,20 ($DP=10,43$).

Resultados: Os resultados da adaptação do Inventário evidenciaram uma estrutura factorial exploratória explicando 56,69% da variância. Na análise factorial confirmatória obteve-se uma estrutura similar ao instrumento original, constituído por duas dimensões (práticas positivas e práticas negativas) e sete sub-dimensões (supervisão positiva, comportamento moral, negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, supervisão negativa e abuso físico). De modo geral, os índices de ajustamentos revelaram uma boa adequação do modelo aos dados. Os valores da validade convergente e discriminante e da fidelidade também se revelaram adequados. Obtiveram-se resultados diferenciais em resultado das variáveis socio-demográficas.

Conclusão: Os resultados sugerem que o Inventário de Estilos Parentais (IEP) é adequado para a população portuguesa, bem como incutem a necessidade de programas de promoção da parentalidade saudável.

Palavras-Chave: análise fatorial confirmatória, dados psicométricos, inventário de estilos parentais, parentalidade

ABSTRACT

Context: Parenting styles represent a central dimension in the area of parenting, so it is essential to adapt instruments to the Portuguese population that allow us to assess parenting practices that promote antisocial and prosocial behaviors.

Objective: This study sought to translate and adapt the Parenting Styles Inventory (Gomide, 2006, 2021) for the Portuguese population, also presenting its psychometric qualities and exploring some differential data.

Method: The process that gave rise to the data collection was random probability sampling. The questionnaire was administered to a sample of 307 participants, 258 (84%) of whom were female and 48 (15.6%) male, with a mean age of 39.20 ($SD=10.43$).

Results: The results of the adaptation of the Inventory showed an exploratory factorial structure explaining 56.69% of the variance. In the confirmatory factor analysis, a structure similar to the original instrument was obtained, consisting of two dimensions (positive practices and negative practices) and seven sub-dimensions (positive supervision, moral behavior, neglect, inconsistent punishment, relaxed discipline, negative supervision, and physical abuse). In general, the adjustment indices revealed a good fit of the model to the data. The convergent and discriminant validity and reliability values were also adequate. Differential results were obtained as a result of sociodemographic variables.

Conclusion: The results suggest that the Parenting Styles Inventory (IEP) is adequate for the Portuguese population and highlight the need for programs to promote healthy parenting.

Keywords: confirmatory factor analysis, psychometric data, parenting styles inventory, parenting

RESUMEN

Contexto: Los estilos parentales representan una dimensión central en el ámbito de la parentalidad, por lo que resulta fundamental adaptar instrumentos a la población portuguesa que permitan evaluar las prácticas parentales promotoras de comportamientos antisociales y prosociales.

Objetivo: El presente estudio buscó traducir y adaptar para la población portuguesa el Inventario de Estilos Parentales (Gomide, 2006, 2021), presentando también sus cualidades psicométricas y explorando algunos datos diferenciales.

Método: El proceso de recogida de datos se basó en un muestreo probabilístico aleatorio. El cuestionario fue aplicado a una muestra de 307 participantes – 258 (84%) de sexo femenino y 48 (15,6%) de sexo masculino – con una media de edad de 39,20 (DT=10,43).

Resultados: Los resultados de la adaptación del Inventario evidenciaron una estructura factorial exploratoria que explica el 56,69% de la varianza. En el análisis factorial confirmatorio se obtuvo una estructura similar al instrumento original, compuesta por dos dimensiones (prácticas positivas y prácticas negativas) y siete subdimensiones (supervisión positiva, comportamiento moral, negligencia, castigo inconsistente, disciplina relajada, supervisión negativa y abuso físico). En general, los índices de ajuste revelaron una buena adecuación del modelo a los datos. Los valores de validez convergente y discriminante y de fiabilidad también resultaron adecuados. Se obtuvieron resultados diferenciales en función de las variables sociodemográficas.

Conclusión: Los resultados sugieren que el Inventario de Estilos Parentales (IEP) es adecuado para la población portuguesa y ponen de manifiesto la necesidad de programas de promoción de la parentalidad saludable.

Palabras clave: análisis factorial confirmatorio, datos psicométricos, inventario de estilos parentales, parentalidad

RÉSUMÉ

Contexte: Les styles parentaux représentent une dimension centrale dans le domaine de la parentalité, ce qui rend indispensable l'adaptation d'instruments à la population portugaise permettant d'évaluer les pratiques parentales favorisant les comportements antisociaux et prosociaux.

Objectif: La présente étude visait à traduire et à adapter pour la popula-

tion portugaise l'Inventaire des Styles Parentaux (Gomide, 2006, 2021), en présentant également ses qualités psychométriques et en explorant certaines données différentielles.

Méthode: Le processus de collecte de données a reposé sur un échantillonnage probabiliste aléatoire. Le questionnaire a été administré à un échantillon de 307 participants – 258 (84%) de sexe féminin et 48 (15,6%) de sexe masculin – avec un âge moyen de 39,20 ans (ET=10,43).

Résultats: Les résultats de l'adaptation de l'Inventaire ont mis en évidence une structure factorielle exploratoire expliquant 56,69% de la variance. L'analyse factorielle confirmatoire a permis d'obtenir une structure similaire à celle de l'instrument original, composée de deux dimensions (pratiques positives et pratiques négatives) et de sept sous-dimensions (supervision positive, comportement moral, négligence, punition inconsistante, discipline relâchée, supervision négative et abus physique). Dans l'ensemble, les indices d'ajustement ont révélé une bonne adéquation du modèle aux données. Les valeurs de validité convergente et discriminante ainsi que de fidélité se sont également révélées satisfaisantes. Des résultats différentiels ont été obtenus en fonction des variables sociodémographiques.

Conclusion: Les résultats suggèrent que l'Inventaire des Styles Parentaux (ISP) est adapté à la population portugaise et soulignent la nécessité de programmes de promotion d'une parentalité saine.

Mots-clés: analyse factorielle confirmatoire, données psychométriques, inventaire des styles parentaux, parentalité

RIASSUNTO

Contesto: Gli stili genitoriali rappresentano una dimensione centrale nell'ambito della genitorialità, rendendo fondamentale adattare strumenti alla popolazione portoghese che consentano di valutare le pratiche genitoriali promotrici di comportamenti antisociali e prosociali.

Obiettivo: Il presente studio ha cercato di tradurre e adattare per la popolazione portoghese l'Inventario degli Stili Genitoriali (Gomide, 2006, 2021), presentandone anche le qualità psicometriche ed esplorando alcuni dati differenziali.

Metodo: Il processo di raccolta dei dati si è basato su un campionamento probabilistico casuale. Il questionario è stato somministrato a un campione di 307 partecipanti – 258 (84%) di sesso femminile e 48 (15,6%) di sesso ma-

schile – con un'età media di 39,20 anni (DS=10,43).

Risultati: I risultati dell'adattamento dell'Inventario hanno evidenziato una struttura fattoriale esplorativa che spiega il 56,69% della varianza. L'analisi fattoriale confermativa ha prodotto una struttura simile allo strumento originale, composta da due dimensioni (pratiche positive e pratiche negative) e sette sottodimensioni (supervisione positiva, comportamento morale, negligenza, punizione inconsistente, disciplina permissiva, supervisione negativa e abuso fisico). In generale, gli indici di adattamento hanno rivelato una buona corrispondenza del modello ai dati. Anche i valori di validità convergente e discriminante e di affidabilità si sono rivelati adeguati. Sono stati ottenuti risultati differenziali in base alle variabili sociodemografiche.

Conclusione: I risultati suggeriscono che l'Inventario degli Stili Genitoriali (ISG) è adeguato per la popolazione portoghese e sottolineano la necessità di programmi di promozione di una genitorialità sana.

Parole chiave: analisi fattoriale confermativa, dati psicometrici, inventario degli stili genitoriali, genitorialità

Introdução

A família é o principal pilar para o desenvolvimento física, emocional, social e moral (Faco & Melchiori, 2006); porquanto o ambiente familiar constitui, assim, o primeiro espaço de aprendizagem de valores, normas e competências sociais. A literatura desenvolvimental (Brazelton & Greenspan, 2002; Maslow, 1954) destaca que o atendimento adequado das necessidades afetivas e de segurança é indispensável ao desenvolvimento saudável. Um envolvimento parental caloroso e estável, aliado a práticas disciplinares consistentes, favorece o locus de controle interno e a autoestima (Oliveira, 1994). Em contrapartida, práticas coercivas ou negligentes aumentam o risco de comportamentos antissociais e perturbações emocionais (Gomide, 2006; Bargas & Lipp, 2013). No contexto português, Abreu-Lima e col. (2010) destacam a crescente complexificação das famílias, marcada por reconstituições familiares e vulnerabilidades socioeconômicas, o que exige aos pais uma maior capacidade de adaptação e resiliência. A parentalidade é assim central no desenvolvimento humano, sendo amplamente reconhecida pela literatura científica como um processo dinâmico, multidimensional e contextual (Victória, Costa, Cordeiro, Santos, Tavares, & Tavares, 2024) e que representa o conjunto de funções, comportamentos e atitudes que os adultos responsáveis assumem para assegurar o bem-estar, a socialização e o desenvolvimento integral das crianças (Hoghughy & Speight, 1998; White, 2005). O estudo da parentalidade implica compreender as suas bases conceituais, os fatores que a determinam, o seu papel na formação da criança, os modelos e instrumentos que permitem avaliá-la com rigor científico e os programas de capacitação/promoção de uma parentalidade positiva, entendida como “as interações, emoções, crenças, atitudes, práticas, conhecimentos e comportamentos dos pais associados à prestação de cuidados integrais à criança” Altafim, E.R.P., Souza, M., Teixeira, L., Brum, D., Velho, C. (2023). Este conceito ultrapassa a mera dimensão biológica, assumindo-se como uma construção psicossocial e cultural, que se transforma de acordo com o tempo e com os contextos socioculturais (Souza & Fontella, 2016; Belsky, 1984).

Porquanto, a **parentalidade** é entendida como o conjunto de comportamentos educativos dos pais ou cuidadores na formação de crianças e adolescentes (Collins et al., 2000). Segundo Munro (1999), as abordagens contemporâneas à avaliação parental devem integrar múltiplas fontes de informação, reconhecendo o impacto da subjetividade profissional e a influência da diversidade cultural. Modelos ecológicos e sistêmicos (Bronfenbrenner, 1979; Relvas, 2003) propõem que a parentalidade seja compreendida a

partir da interação entre pessoa, processo, contexto e tempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Nesse sentido, Melo & Alarcão (2015) definem uma “avaliação compreensiva integradora” como aquela que capta a complexidade das dinâmicas familiares e infantis, incluindo fatores de risco/proteção no funcionamento familiar, nas capacidades parentais, no desenvolvimento da criança e no contexto social e cultural. Tais avaliações globais servem de base para orientar intervenções focadas nas necessidades específicas de cada família. Esta avaliação pode ocorrer em múltiplos contextos – clínico, social, educativo e forense – e constitui um elemento essencial em processos de proteção de menores e regulação das responsabilidades parentais (White, 2005; Pereira & Alarcão, 2010).

A avaliação da parentalidade tem como principal objetivo acompanhar a adequação do comportamento parental no presente e no futuro (Reeder, Duncan & Gray, 2003), de forma que seja possível melhorar as medidas legais e a intervenção psicossocial para uma melhor proteção das crianças, assim como potencializar o seu desenvolvimento e conhecer atitudes comportamentais dos pais durante o seu desenvolvimento (Pereira & Alarcão, 2010; Bettencourt, 2017). Ao longo do tempo, foram elaborados e melhorados vários modelos de avaliação parental, de acordo com Choate (2009, pp. 54-55) a registrar: (Belsky & Vondra, 1989; ; Steinhauer, 1993; Reeder & Lucey, 1995, 2003; Azar, Lauretti & Loding, 1998; Polgar, 2001; Budd, 2001; (); Pezzot-Pearce & Pearce (2004), No entanto, existem ainda outros, no Reino Unido, existe Framework for the Assessment of Children in Need and their Families (DOH, 2000), sendo este o amplamente utilizado no Sistema de Promoção e Proteção Português. Existem, ainda, orientações profissionais, como as que são oferecidas pela Associação Americana de Psicologia (American Psychological Association Committee on Professional Practice and Standards, 1988, 2013) e pela Academia Americana de Psiquiatria da Infância e da Adolescência (American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 2007). Todos estes modelos, independentemente das suas especificidades, apontam a necessidade da avaliação da parentalidade ser compreensiva e holística, considerando múltiplas dimensões do funcionamento parental, do contexto familiar e das necessidades da criança (Sandi, Yosin, & Masruroh, 2024). Torna-se importante a triangulação e cruzamento de informação obtida a partir de várias fontes e técnicas, desde a observação direta da interação pais-filhos; entrevistas clínicas e sociais; visitas domiciliárias; informação colateral da escola, serviços sociais e saúde; a participação da criança e o recurso a dos instrumentos complementares. Platt e Riches (2019) recomendam a triangulação (múltiplos métodos + múltiplos informantes) para fortalecer as inferências sobre a capacidade parental. O modelo de prática clínica de Budd (2001)

para avaliar a competência parental recomenda explicitamente uma abordagem multimétodo, multifonte e multissessão (entrevistas, observações, registos, testes) para aumentar a validade e reduzir as conclusões enviesadas baseadas num único método. No trabalho forense, face à complexidade da avaliação da capacidade parental, enfatiza-se a investigação minuciosa e a utilização de múltiplas fontes de informação (entrevistas com pais e filhos, observações em contextos de grupo, históricos, ferramentas padronizadas, fontes/contactos colaterais, registos) como essenciais para avaliações fiáveis para formar pareceres judiciais fidedignos (Austin & Kirkpatrick, 2004; Di Pasquale & Rivolta, 2016).

O modelo “baseado no conhecimento” de Houston (2014) para a avaliação da proteção infantil defende explicitamente a exigência de triangulação de métodos, que os profissionais devem recorrer a registos factuais, conhecimento teórico e sabedoria prática - e recolher informações factuais em todas as dimensões da parentalidade (ou seja, utilizar uma variedade de fontes de dados). Ward (2014) numa revisão de literatura sobre a capacidade parental destaca que o uso de múltiplas fontes ajuda a evitar a dependência excessiva de episódios isolados ou relatos verbais e fortalece a tomada de decisões em contextos de bem-estar infantil.

Miller e col. (2023) comparam explicitamente inquéritos, observações e diários de tempo e avalia a convergência (triangulação) – mostrando como diferentes métodos captam aspetos sobrepostos, mas também distintos, do comportamento parental. Estes estudos ilustram estratégias práticas de triangulação que os avaliadores podem adotar.

Na revisão sobre avaliação da parentalidade no contexto da proteção à infância em Portugal Pereira e Alarcão (2010), destacam que os modelos de avaliação consensualmente a recolha e articulação ampla de informação sobre criança, pais e contexto (sinais diacrónicos e sincrónicos da história passada e comportamento atual e de ponderar múltiplos indicadores comportamentais, históricos e contextuais) para fundamentar juízos sobre competências e capacidades parentais. Apontando, claramente, para a necessidade de articular múltiplas fontes/instrumentos para reduzir a subjetividade e melhorar a qualidade do parecer técnico. No mesmo sentido, a avaliação das competências parentais coloca um na construção de instrumentos e processos (instrumentos padronizados, questionários de auto-avaliação, escalas de autoeficácia, entrevistas/entrevista semiestruturadas, avaliação clínica/observacional, etc.) que considerem o carácter multidimensional da parentalidade, nomeadamente através da articulação entre autoperceção, medidas instrumentais e observação, o que implica recorrer a várias fontes de infor-

mação (pais, professores, técnicos, observação direta, etc.) (Cardoso, 2012; Pinho, 2015; Carapito, 2017). Pelo que, Melo & Alarcão (2015) propuseram o Modelo de Avaliação e Intervenção Familiar Integrada (MAIFI), que inclui os instrumentos de síntese da avaliação parental e define critérios para avaliação abrangente em proteção da criança.

Para auxiliar esta avaliação compreensiva e holística, pode-se recorrer a instrumentos standardizados. O uso de instrumentos padronizados é um recurso fundamental para garantir objetividade, confiabilidade e validade na avaliação da parentalidade. Esses instrumentos ajudam a: i) sistematizar as informações obtidas; ii) reduzir a subjetividade do avaliador; iii) apoiar a tomada de decisões fundamentadas; iv) identificar pontos fortes e fragilidades na função parental /ref). A utilização destes instrumentos é útil para complementar a observação clínica e garantir objetividade na avaliação da parentalidade. Diversas escalas têm sido internacionalmente utilizadas, como o *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (Robinson et al., 2001) e o *Parenting Stress Index* (Abidin, 1995). Contudo, a literatura lusófona tem beneficiado do *Inventário de Estilos Parentais* (IEP) desenvolvido por Gomide (2006, 2021).

O modelo de Gomide baseia-se na perspectiva sociointeracionista de Patterson, Dishion e Reid (1992) e identifica sete práticas educativas parentais, das quais cinco se associam a comportamentos antissociais. O IEP é composto por 42 itens em escala tipo Likert e avalia tanto práticas positivas – como o comportamento moral e a supervisão positiva – como práticas negativas – negligência, disciplina permissiva, punição inconsistente, abuso físico, entre outras (Gomide, 2021).

Em Portugal, temos uma escassez deste tipo de instrumentos padronizados, tendo motivado a realização desta investigação, procurando adaptar um destes instrumentos: o Inventário de Estilos Parentais (IEP). A escolha deste instrumento foi pela sua versatilidade, pois pode ser utilizado por diversos profissionais (psicólogos, assistentes sociais, educadores sociais, enfermeiros, médicos, professores, etc.) e em diferentes contextos (social, clínico, forense, educacional).

1. Método

1.1 Participantes

Por recurso a uma amostragem probabilística aleatória, obteve-se um total de n=307 participantes, n=258 (84%) do sexo feminino e n=48(15,6%)

do sexo masculino tendo um participante optado por não identificar o sexo, com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos ($m=39,20$; $dp=10,439$). Do total dos participantes, $n=226$ (73,6%) têm filhos e $n=81$ (26,4%) não têm filhos. A média de idades do primeiro filho é 10 anos ($dp=7,6004$), do segundo filho a média situa-se nos 15 anos ($dp=7,425$), do terceiro filho é 20 anos ($dp=7,500$) e do quarto filho é 25 anos ($dp=5,657$). A partir do quinto filhos, obteve-se apenas um participante até ao limite de sete filhos.

Relativamente às habilitações $n=18$ (5,9%) frequentaram até ao 3º ciclo do ensino básico, $n=81$ (26,4%) concluíram o ensino secundário, $n=143$ (46,6%) concluíram uma licenciatura, $n=52$ (16,9%) concluíram um mestrado e por fim, $n=13$ (4,2%) concluíram doutoramento.

No que se refere ao local de residência, a maioria reside nos distritos do Porto $n=181$ (59%) e Braga $n=62$ (20,2%). Os demais tiveram uma expressão residual inferior a 3%, sendo: Açores, Aveiro, Bragança, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Lisboa, Madeira, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

1.2 Instrumentos

O Inventário de Estilos Parentais agrupa sete práticas educativas, sendo duas favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais: supervisão positiva e comportamento moral e cinco relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais: negligência, abuso físico, disciplina permissiva, punição inconsistente e supervisão negativa (Gomide, 2021).

Este instrumento encontra-se dividido em três versões, no entanto será alvo de validação apenas a versão em que os pais respondem sobre as suas próprias práticas parentais adotadas em relação ao filho(a). A versão original para pais/mães é constituída por 42 questões, avaliam duas práticas educativas positivas (supervisão positiva (A) e comportamento moral (B)) e cinco práticas educativas negativas (negligência (C), punição inconsistente (D), disciplina permissiva (E), supervisão negativa (F) e abuso físico (G)), num formato tipo likert, de 3 pontos: sempre, às vezes e de nunca. Este Inventário fornece um *score* bruto, o índice de estilo parental (iep), cujo cálculo é o resultado da subtração da soma das práticas negativas ($C+D+E+F+G$) da soma das positivas ($A+B$), ou seja, $iep = (A+B) - (C+D+E+F+G)$. O índice iep poderá variar entre os valores +24 e -60, sendo que um resultado positivo é um indicador de uma alta frequência de práticas educativas positivas com pouca ou nenhuma frequência de práticas educativas negativas. Por outro lado, um resultado negativo é um indicador de uma alta frequência de práticas educativas negativas com poucas ou nenhuma práticas edu-

cativas positivas (Gomide, 2006). Os índices de estilo parental (iep) devem ser consultados nos quadros normativos, um referente às práticas maternas e outro referente às práticas paternas, em que são apresentados os percentis correspondentes aos valores encontrados. Encontrando-se o valor percentual, regista-se qual o estilo parental predominante. Essa referência é dada por um quadro em que os percentis são agrupados nas seguintes categorias: estilo parental ótimo (80 a 99), regular acima da média (55 a 75), regular abaixo da média (30 a 50), e de risco (1 a 25). Neste estudo foram considerados o valor geral do índice de estilo parental (iep) e o valor de cada prática isoladamente para que a análise fosse mais detalhada. Com o intuito de verificar-se a consistência interna deste mesmo instrumento, calculou-se o Alpha de Cronbach (α), que é um importante indicador estatístico de fidelidade de um instrumento psicométrico, tendo-se obtido o valor de $\alpha = .944$ que sugere que este instrumento apresenta uma boa consistência interna já que apresenta valores acima dos .70.

- O Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QEDP - Miguel, Valentim & Carugati, 2015), versão portuguesa, é constituído por 32 questões, numa escala tipo likert: nunca, poucas vezes, algumas vezes, bastantes vezes ou sempre, composto por três dimensões: o estilo democrático inclui subescalas de apoio e afecto, regulação, cedência de autonomia/participação democrática; o estilo autoritário que inclui dimensões de coerção física, hostilidade verbal e punição; e estilo permissivo é constituído por uma única dimensão: indulgência.

- O Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-BREF, Serra & Canavarro, 2006), versão portuguesa reduzida, constituída por 26 questões de autorrelato, de avaliação geral subjetiva da qualidade de vida assenta em 4 domínios: físico, psicológico, relações sociais e ambiente.

1.3 Procedimentos

O presente estudo foi delineado de acordo com o disposto na Declaração de Helsínquia (Association, 2017), as regras APA e foi aprovado Comissão de Ética do Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Obteve-se autorização pelos autores das escalas, tendo-se procedido à tradução do IEP. A versão traduzida foi submetida à apreciação de especialistas para aferir a sua adequabilidade. Posteriormente criou-se uma versão online, tendo a recolha de dados decorrido entre os meses de dezembro 2022 e janeiro 2023. Os questionários foram aplicados a pessoas maiores de 18 anos, com ou sem filhos, sendo que no caso de pessoas sem filhos foi solicitado que se colocassem na posição de um pai/mãe e respondessem às questões de acordo com o que consideraram que fariam perante as situações apresentadas.

Os participantes foram informados sobre a confidencialidade dos dados decorrentes da sua participação, sublinhando que em nenhum momento seriam identificados, inclusive durante o tratamento estatístico, sendo a sua participação anónima, em cumprimento da Declaração de Helsínquia (Association, 2013) e RGPD (RGPD). Para este efeito, foi atribuído um código por participante, a ser usado na base de dados. O consentimento informado foi pedido no momento do preenchimento do questionário, sendo ressalvado que este consentimento poderia ser retirado em qualquer momento da investigação mediante comunicação por email ou verbal junto da equipa de investigação.

1.4 Análise de dados

A análise dos dados recolhidos foram analisados utilizando a ferramenta de software estatístico IBM SPSS versão 27, os níveis de significância de referência foram: $p < 0,05$; $p < 0,01$; $p < 0,001$. Numa primeira fase procedeu-se à análise descritiva dos dados sociodemográficos dos participantes. De seguida, realizou-se uma análise factorial exploratória da versão portuguesa do IEP. Com base nestes dados avançou-se para a análise factorial confirmatória, bem como as demais características psicométricas: fidelidade e sensibilidade. Procedeu-se, ainda, a testes relativos à validade convergente e divergente. Terminadas as análises relativas à versão portuguesa do IEP, explorou-se os dados estatísticos descritivos, designadamente aferindo-se os diferentes níveis de estilos parentais e análises diferenciais entre estes e as variáveis independentes.

2. Resultados

2.1 Validade de conteúdo

A validade através do método de análise fatorial, de componentes principais, com rotação varimax, revelou um *Teste Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) = .842, *Teste de Esfericidade de Barlett* de significância .000, traduzindo-se numa análise fatorial com adequabilidade. A solução inicial apresentou 11 fatores, explicando 56,69% da variância dos resultados. Todavia, verificou-se que os itens se organizavam em torno de dois fatores, similares à versão original, isto é, um fator agregando as dimensões supervisão positiva e comportamento moral e outro fator agregando as dimensões negligência, punição inconsistente, disciplina permissiva, supervisão negativa e abuso físico.

Optou-se pela redução a 7 fatores, de acordo com a versão original. A qual explicava 46,21% da variância dos resultados. Todavia, mais uma vez, verificou-se que os itens se organizavam em torno de dois fatores, similares à versão original. Por último, optou-se por uma redução a 2 fatores, a qual explicava 26,83% da variância dos resultados. Nesta solução verificou-se uma correspondência quase total qual a versão original nas duas dimensões de primeira ordem: comportamento parental positivo e comportamento parental negativo. Conclui-se por uma validade aceitável, mantendo-se os dois fatores de primeira ordem e os sete fatores de segunda ordem da versão original.

Partindo destes dados, efetuou-se a análise fatorial confirmatória (AFC). A partir da análise da adequação do modelo (*goodness of fit*) através do qui-quadrado (X^2) que, avaliando a discrepância entre o modelo analisado e a matriz de covariância dos dados, traduz uma medida geral de ajustamento do modelo, cujos resultados do presente estudo foram $X^2(798, N=307) = 1386,133$; $p=.000$; $X^2/gl = 1,73$; CFI = .811; RMSEA = .049; IC90% [.045, .053].

Um modelo com ajustamento aceitável tende a produzir um X^2 não significativo, facto que não se verifica no presente estudo. Contudo, esta estatística é largamente inflacionada pelo tamanho da amostra (e.g., Byrne, 2003; Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Müller, 2003; Schumacker & Lomax, 2016; Ullman, 2001), pelo que, em casos com amostras maiores pode levar à rejeição inapropriada dos modelos. Investigações recentes, em função da dimensão da amostra, têm proposto o rácio entre o valor do X^2 e o respetivo número de graus de liberdade (gl) como uma medida mais adequada para aferir do nível de ajustamento do modelo. O valor de referência deste rácio é, ainda, muito pouco consensual. Por exemplo, Ullman (2001) sugere que um

valor igual ou inferior a 2 é indicativo de um bom ajustamento; Kline (1998) aponta o valor igual ou inferior a 3 como aceitável, contando que o tamanho da amostra é elevado ($N > 200$), Schumacker e Lomax (2004) consideraram que valores inferiores a 5 traduzem um bom ajustamento do modelo. No presente estudo, obteve-se um rácio de 1,73, indicativo, portanto, de um bom ajustamento do modelo.

Complementarmente, para reforçar a indicação deste bom ajustamento do modelo calculou-se, ainda, a raiz do erro quadrático médio de aproximação (*Root Mean Square Error of Approximation* - RMSEA) (Hu & Bentler, 1999) e o Comparative FitIndex (CFI), desenvolvido por Bentler (1990).

Valores inferiores a .08 para a RMSEA são aceitáveis e consideram-se muito bons se forem inferiores a .05 (e.g., Kline, 2005), podendo-se considerar um valor aceitável no presente estudo (.049). No que diz respeito ao CFI, um índice de ajustamento — cujos valores estão compreendidos entre 0 e 1, sendo que valores próximos de 1 indicam melhor ajustamento, considerando-se que valores acima de .90 e, idealmente, acima de .95 são recomendados (Bentler, 1992; Hu & Bentler, 1999; Kline, 1998). O valor obtido no presente estudo revela-se inferior ao espectável, com um valor .81.

2.2 Validade convergente

Para averiguar a validade convergente do IEP, procedeu-se à análise das correlações entre as dimensões do IEP e QDEP. Verificaram-se correlações estatisticamente significativas e negativas baixas entre o estilo autoritativo do QDEP e a punição inconsistente ($r = -.167$), a negligência ($r = -.190$) e o abuso físico ($r = -.160$), bem como correlações estatisticamente significativas e positivas e moderadas entre a supervisão positiva ($r = .584$) e o comportamento moral ($r = .494$) do IEP. Há ainda uma correlação positiva baixa entre o estilo autoritativo e a supervisão negativa ($r = .143$). Constatou-se, também, que não existe correlação entre supervisão positiva e o comportamento moral.

Verificaram-se, ainda, correlações estatisticamente significativas positivas e moderadas entre o estilo autoritário do QDEP e as dimensões do IEP: punição inconsistente ($r = .484$), negligência ($r = .327$), disciplina permissiva ($r = .352$), supervisão negativa ($r = .382$), abuso físico ($r = .346$). Quanto ao estilo permissivo do QDEP, os resultados foram de correlações estatisticamente significativas positivas baixas e moderadas com a punição inconsistente ($r = .366$), a negligência ($r = .194$), a disciplina permissiva ($r = .423$), a supervisão negativa ($r = .356$) e o abuso físico ($r = .142$). Por último, nem o estilo autoritário nem o permissivo obtiveram correlações significativas com a supervisão

positiva e o comportamento moral.

2.3 Validade divergente

Para a validade divergente optou-se pela correlação do valor total do IEP e o total do WHOQOL-Bref e entre as dimensões de ambos. Constatou-se, na generalidade, correlações positivas baixas entre o WHOQOL-Bref e o total do IEP e as suas dimensões: supervisão positiva e comportamento moral, ao passo que se obtiveram correlações negativas baixas com a punição inconsistente, a negligência, o abuso físico, a disciplina permissiva e a supervisão negativa.

Assim, relativamente à dimensão supervisão positiva verificou-se a correlação mais elevada com as relações sociais ($r=.268$) e a mais baixa com a saúde psicológica ($r=.125$) e sem correlação com a perceção geral de saúde e o ambiente físico. Para o comportamento moral obteve-se a correlação mais elevada com as relações sociais ($r=.265$) e a mais baixa com o ambiente ($r=.126$) sem correlações com o total do WHOQOL-Bref e a perceção geral de saúde. No que concerne à punição inconsistente, a correlação mais elevada foi com o total do WHOQOL-Bref ($r=-.225$) e a mais baixa com a saúde física ($r=-.165$) e sem correlação com a perceção geral de saúde. A negligência obteve a correlação mais elevada com o total do WHOQOL-Bref ($r=-.294$), o mais baixo com as relações sociais ($r=-.208$) e sem correlação com a perceção geral de saúde. Ainda, e no que respeita à disciplina permissiva, a correlação mais elevada é com o total do WHOQOL-Bref ($r=-.280$), a mais baixa é com a perceção geral de saúde ($r=-.115$). Com a supervisão negativa, a correlação mais elevada é com a saúde física ($r=-.163$) e a mais baixa é com o total do WHOQOL-Bref ($r=-.114$) e sem correlações com a perceção geral de saúde psicológica, as relações sociais e o ambiente. Com o abuso físico constatou-se uma correlação mais elevada com a saúde física ($r=-.168$) e a mais baixa com a saúde psicológica ($r=-.128$), sem correlação com a perceção geral de saúde. Por último, quanto ao total do IEP, a correlação mais alta é com as relações sociais ($r=.338$) e a mais baixa com a perceção geral da saúde ($r=.173$), tendo todas as subdimensões correlações estatisticamente significativas.

Verificam-se deste modo correlações positivas ou negativas baixas entre as duas escalas e subescalas. Efetivamente é de pressupor uma influência da qualidade de vida e de saúde na parentalidade, mas constata-se que se tratam de construtos diferentes.

2.4 Fidelidade

Para a fidelidade é comum recorrer-se ao Alpha de Cronbach, sendo que o seu valor varia de 0.00 a 1.00 com a seguinte classificação: <0.6 — Inaceitável; [0.6 e 0.7[- Fraco; [0.7 e 0.8[- Razoável; [0.8 e 0.9 — Bom e [1 e 0.9] — Excelente (Hill & Hill, 2002; Marôco, 2007, Pais-Ribeiro, 2007)

Analisando a tabela 1 podemos verificar que de modo geral os resultados relativos à fidelidade são satisfatórios para o total da escala e respetivas dimensões. Destacando-se o total da escala (.852) com um resultado muito satisfatório de fidelidade e a negligência (.575) e a disciplina permissiva (.575) e a supervisão negativa (.538) com resultados a merecer atenção.

Tabela 1

Valores da escala total de fidelidade e as subdimensões

Escala e subdimensões	Alpha de Cronbach
Escala total	,852
Abuso físico	,782
Disciplina permissiva	,575
Moral	,746
Negligência	,575
Punição inconsistente	,728
Supervisão negativa	,538
Supervisão Positiva	,759

2.5 Sensibilidade

Na tabela 2 podemos verificar os valores da sensibilidade. Denota-se uma sensibilidade/distribuição da amostra com resultados aceitáveis, com uma ligeira tendência para a desejabilidade social.

Tabela 2

Sensibilidade

	Supervisão positiva	Comportamento moral	Punição inconsistente	Negligência	Disciplina permissiva	Supervisão negativa	Abuso físico	Total IEP
N	307	307	307	307	307	307	307	307
Média	10,3094	9,6840	2,1042	2,2704	2,1954	4,8730	,6938	7,8567
Mediana	11,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	9,0000
Desvio padrão	2,20635	2,34476	2,05374	1,79556	1,86494	2,25502	1,55216	7,97949
Assimetria	-2,470	-1,950	1,296	1,621	1,304	-,042	3,735	-1,846
Curtose	7,729	4,918	2,229	4,830	2,990	-,221	18,298	6,195
Mínimo	,00	,00	,00	,00	,00	,00	,00	-36,00
Máximo	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	21,00

Quanto à assimetria, constata-se que na maioria dos casos os coeficientes estão acima do intervalo ± 1 , sendo a dimensão abuso físico a revelar maior desvio de zero, com um coeficiente de assimetria de 3,735, e, especificamente, os itens 2, 7, 16, 39, 42 a apresentar esse maior desvio.

Em termos do grau de achatamento da distribuição (i.e., curtose), a maioria dos coeficientes situa-se muito acima do intervalo ± 1 , sendo a subescala abuso físico a que revela maior desvio do zero, com um coeficiente de curtose de 18.298, e, especificamente, os itens 2, 7, 15, 16, 39, 42 a apresentar esse maior desvio.

Todavia, considerando a magnitude de ambos os coeficientes examinados, podemos concluir que a distribuição das respostas nos itens não se afasta, pronunciadamente, da normalidade na amostra estudada, uma vez que os valores absolutos observados, tanto no caso da assimetria como da curtose, não são superiores a 3 ou a 10, respetivamente, ou seja, os coeficientes observados na presente amostra estão aquém dos limiares que habitualmente são usados para sinalizar problemas de inconformidade com o pressuposto da normalidade (Kline, 2005); com exceção, como referido, da dimensão abuso físico e alguns itens a revelar a necessidade de uma maior atenção em estudos ulteriores.

Com o objetivo de validar o IEP procedeu-se à elaboração de tabelas normativas a partir da amostra, obteve-se três tabelas normativas que permitem identificar através do percentil obtido, se o respondente está ou não num nível de risco. Este nível de risco encontra-se dividido em função dos respetivos percentis, a considerar: de 75 a 99 — referem-se a um estilo paren-

tal ótimo, com presença marcante das práticas parentais positivas e ausência das práticas negativas; de 55 a 70 — referem-se a um estilo parental bom, acima da média, porém aconselha-se a leitura de livros de orientação para pais procurando aprimorar práticas parentais; de 30 a 50 — referem-se a um estilo parental bom, porém abaixo da média e Aaconselha-se a participação em grupos de capacitação para pais; abaixo de 25 — referem-se a um estilo parental de risco. Neste caso, aconselha-se a participação em Programas de Intervenção especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em Práticas Educativas ou Terapia de Grupo, de casal ou individual em que possam ser trabalhadas as consequências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas.

Assim, através das tabelas 3, 4 e 5 pode-se identificar os respectivos percentis para o total da amostra, para a figura materna e figura paterna respetivamente.

De acordo com a pontuação obtida pelo respondente deve-se aferir em que percentil se encontra em função do total do inventário e das dimensões.

Tabela 3

Dados normativos de práticas educativas

		Super- visão positiva	Comporta- mento moral	Punição incon- sistente	Negli- gência	Disci- plina permis- siva	Super- visão nega- tiva	Abuso físico	Total IEP
N	Váli- do	307	307	307	307	307	307	307	307
	Falta	0	0	0	0	0	0	0	0
Percentil	1	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	-21,7600
	5	6,0000	6,0000	,0000	,0000	,0000	1,0000	,0000	-6,2000
	10	8,0000	7,0000	,0000	,0000	,0000	2,0000	,0000	-,2000
	15	9,0000	8,0000	,0000	1,0000	,0000	3,0000	,0000	1,0000
	20	9,0000	9,0000	,0000	1,0000	1,0000	3,0000	,0000	3,0000
	25	10,0000	9,0000	,0000	1,0000	1,0000	3,0000	,0000	4,0000
	30	10,0000	9,0000	1,0000	1,0000	1,0000	4,0000	,0000	6,0000
	35	10,0000	9,0000	1,0000	1,0000	1,0000	4,0000	,0000	7,0000
	40	11,0000	10,0000	1,0000	2,0000	2,0000	4,0000	,0000	8,0000
	45	11,0000	10,0000	1,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	8,6000
	50	11,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	9,0000
	55	11,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	10,0000
	60	11,0000	11,0000	2,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	11,0000
	65	11,0000	11,0000	2,0000	3,0000	2,2000	6,0000	,0000	12,0000
	70	12,0000	11,0000	3,0000	3,0000	3,0000	6,0000	,0000	12,0000
	75	12,0000	11,0000	3,0000	3,0000	3,0000	7,0000	1,0000	13,0000
80	12,0000	11,4000	4,0000	4,0000	4,0000	7,0000	1,0000	14,0000	
85	12,0000	12,0000	4,0000	4,0000	4,0000	7,0000	2,0000	15,0000	
90	12,0000	12,0000	5,0000	4,0000	5,0000	8,0000	2,0000	16,0000	
95	12,0000	12,0000	6,0000	5,0000	5,6000	8,0000	4,0000	18,0000	
99	12,0000	12,0000	8,9200	9,0000	8,0000	10,0000	7,9200	20,0000	

Tabela 4

Dados normativos relativos à figura materna

		Supervisão positiva	Comportamento moral	Punição inconsistente	Negligência	Disciplina permissiva	Supervisão negativa	Abuso físico	Total IEP
N	Válido	258	258	258	258	258	258	258	258
	Falta	0	0	0	0	0	0	0	0
Média		10,5349	9,8837	2,0504	2,1434	2,0426	4,9186	,5969	8,6667
Desvio padrão		1,96485	2,17387	1,99449	1,68270	1,76931	2,28282	1,43073	7,24161
Tendência		-2,863	-2,005	1,348	1,570	1,417	-,024	3,933	-1,775
Erro padrão de Tendência		,152	,152	,152	,152	,152	,152	,152	,152
Curtose		11,146	5,758	2,728	5,063	3,885	-,229	20,766	6,634
Erro padrão de Curtose		,302	,302	,302	,302	,302	,302	,302	,302
Mínimo		,00	,00	,00	,00	,00	,00	,00	-36,00
Máximo		12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	21,00
Percentil	1	,0000	,0000	8,8200	8,4100	8,0000	10,4100	7,4100	-18,4100
	5	7,0000	6,0000	6,0000	5,0000	5,0000	8,0000	3,0500	-3,0000
	10	8,0000	7,0000	5,0000	4,0000	4,1000	8,0000	2,0000	,0000
	15	9,0000	8,0000	4,0000	4,0000	4,0000	7,0000	1,0000	2,0000
	20	10,0000	9,0000	4,0000	4,0000	3,0000	7,0000	1,0000	4,0000
	25	10,0000	9,0000	3,0000	3,0000	3,0000	7,0000	1,0000	5,0000
	30	10,0000	9,0000	3,0000	3,0000	3,0000	6,0000	,0000	6,7000
	35	10,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0000	6,0000	,0000	8,0000
	40	11,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0000	6,0000	,0000	8,0000
	45	11,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	9,0000
	50	11,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	10,0000
	55	11,0000	11,0000	1,0000	2,0000	2,0000	5,0000	,0000	10,4500
	60	11,0000	11,0000	1,0000	1,0000	1,0000	4,0000	,0000	11,0000
	65	12,0000	11,0000	1,0000	1,0000	1,0000	4,0000	,0000	12,0000
	70	12,0000	11,0000	1,0000	1,0000	1,0000	4,0000	,0000	13,0000
75	12,0000	11,0000	,0000	1,0000	1,0000	3,0000	,0000	13,0000	
80	12,0000	12,0000	,0000	1,0000	1,0000	3,0000	,0000	14,0000	
85	12,0000	12,0000	,0000	1,0000	,0000	3,0000	,0000	15,0000	
90	12,0000	12,0000	,0000	,0000	,0000	2,0000	,0000	16,0000	
95	12,0000	12,0000	,0000	,0000	,0000	1,0000	,0000	18,0000	
99	12,0000	12,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	20,4100	

Tabela 5

Dados normativos relativos à figura paterna

		Super- visão positiva	Compor- tamento moral	Punição inconsis- tente	Negligência	Disciplina permissiva	Super- visão negativa	Abuso físico	Total IEP
N	Válido	48	48	48	48	48	48	48	48
	Falta	0	0	0	0	0	0	0	0
	Média	9,0833	8,5833	2,4167	2,9792	2,9792	4,7083	1,2292	3,3542
	Desvio padrão	2,95954	2,90878	2,35953	2,20724	2,16834	2,06241	2,03417	10,11948
	Tendência	-1,369	-1,575	1,027	1,489	,851	-,258	3,014	-1,653
	Erro padrão de Tendência	,343	,343	,343	,343	,343	,343	,343	,343
	Curtose	1,984	2,212	,564	3,277	1,025	-,082	11,522	3,833
	Erro padrão de Curtose	,674	,674	,674	,674	,674	,674	,674	,674
	Mínimo	,00	,00	,00	,00	,00	,00	,00	-35,00
	Máximo	12,00	12,00	9,00	11,00	10,00	9,00	11,00	19,00
Percentil	1	,0000	,0000	-35,0000
	5	1,8000	,9000	8,0000	8,1000	7,0000	8,0000	5,6500	-19,3000
	10	4,9000	3,8000	6,0000	6,0000	6,0000	7,1000	3,1000	-9,6000
	15	6,3500	6,3500	5,0000	5,0000	5,0000	7,0000	2,6500	-4,6500
	20	7,0000	7,0000	4,2000	4,0000	5,0000	7,0000	2,0000	-2,0000
	25	7,0000	7,2500	4,0000	4,0000	4,0000	6,0000	2,0000	,0000
	30	8,7000	8,0000	3,0000	4,0000	4,0000	6,0000	1,3000	,7000
	35	9,0000	9,0000	3,0000	3,0000	3,0000	5,0000	1,0000	2,1500
	40	9,0000	9,0000	2,4000	3,0000	3,0000	5,0000	1,0000	4,0000
	45	9,0000	9,0000	2,0000	3,0000	3,0000	5,0000	1,0000	5,0000
	50	9,0000	9,5000	2,0000	2,0000	3,0000	5,0000	,5000	6,0000
	55	10,0000	10,0000	2,0000	2,0000	2,0500	4,0500	,0000	6,0000
	60	11,0000	10,0000	1,0000	2,0000	2,0000	4,0000	,0000	7,0000
	65	11,0000	10,0000	1,0000	2,0000	2,0000	4,0000	,0000	8,0000
	70	11,0000	10,0000	1,0000	2,0000	2,0000	4,0000	,0000	8,3000
	75	11,0000	10,0000	,0000	2,0000	1,2500	4,0000	,0000	10,0000
	80	12,0000	11,0000	,0000	1,0000	1,0000	3,0000	,0000	11,0000
	85	12,0000	11,0000	,0000	1,0000	1,0000	2,0000	,0000	11,6500
	90	12,0000	11,0000	,0000	,9000	,0000	2,0000	,0000	13,2000
95	12,0000	12,0000	,0000	,0000	,0000	,4500	,0000	15,5500	
99	.	.	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	.	

A partir dos percentis das tabelas anteriores e identificando a existência ou não de risco, na tabela 6 é possível verificar que dos respondentes 29,3% demonstram um estilo parental de risco e 21,5% apresentam um estilo parental ótimo, 26,1% apresentam um estilo parental regular acima da média, e, 23,1% um estilo parental regular abaixo da média.

Tabela 6

Classificação dos estilos parentais totais

	N	%
Estilo parental de risco	90	29,3
Estilo parental regular, abaixo da média	71	23,1
Estilo parental regular, acima da média	80	26,1
Estilo parental ótimo	66	21,5
Total	307	100,0

Por último, constatou-se diferenças entre sexos no que respeita ao total da Escala IEP ($t= 3,475, p.=,001$), das dimensões: supervisão positiva ($t= 3,267, p.=,002$) comportamento moral ($t= 2,948, p.=,005$), negligência ($t= -2,492, p.=,016$), disciplina permissiva ($t= -3,244, p.=,001$) e abuso físico ($t=-2,061, p.=,044$). O sexo feminino a evidenciar maiores indicadores de supervisão positiva e comportamento moral, e menores indicadores de negligência, disciplina permissiva e abuso físico, comparativamente com o sexo masculino.

Nas habilitações literárias verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre o total do IEP ($F= 3,858, p.=,001$) e as dimensões: supervisão positiva ($F= 2,851, p.=,010$), negligência ($F= 2,376, p.=,029$), disciplina permissiva ($F= 3,114, p.=,006$) e abuso físico ($F= 2,192, p.=,044$). Na generalidade constata-se que habilitações mais baixas (primeiro, segundo e terceiro ciclo) registam menores indicadores de supervisão positiva e maiores indicadores de negligência, disciplina permissiva e abuso físico.

2.6 Discussão

A parentalidade deve ser entendida como um processo de coevolução entre pais e filhos, mediado por fatores individuais e contextuais, numa visão sistémica, tal como Alarcão (2006) e Relvas (2003) descrevem a família como

um sistema aberto e autorregulável, em que cada elemento desempenha papéis diferenciados e interdependentes. Pelo que, Rutter (1985), entende que a parentalidade integra as dimensões de sensibilidade às necessidades da criança, comunicação, expressão emocional e controlo disciplinar. Numa perspetiva ecológica, Bronfenbrenner (1979) propôs que a família constitui o primeiro contexto de socialização, no qual a criança participa ativamente e onde se estruturam as bases do seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Neste estudo apresentam-se os resultados da adaptação (validade fatorial, convergente e divergente, normas padronizadas, fiabilidade e sensibilidade) da versão portuguesa do IEP, com uma amostra de um total de 307 participantes.

Os resultados da análise fatorial exploratória e confirmatória revelaram uma estrutura de duas dimensões de primeira ordem (comportamentos parentais positivos e negativos) e sete práticas parentais de segunda ordem (monitorização positiva, comportamento moral, Punição inconsistente, Negligência, Disciplina permissiva, Monitorização negativa e Abuso físico), tal como proposto por Gomide (2003). Estes resultados indicam uma adequada validade de conteúdo, uma vez que a estrutura teórica do instrumento foi replicada na amostra portuguesa. Apesar de os índices globais de ajustamento apresentarem valores aceitáveis, ficou abaixo do critério recomendado, sugerindo necessidade de refinamento de alguns itens ou possível influência de diferenças culturais e linguísticas (Byrne, 2016; Kline, 2015).

A manutenção da estrutura teórica de Gomide confirma a robustez do modelo original, que integra as dimensões clássicas de parentalidade propostas por Baumrind (1967, 1971) – controlo e afeto – reinterpretadas por Maccoby e Martin (1983) como exigência e responsividade, aliada à perspetiva sociointeracionista (Patterson, Dishion & Reid, 1992). Assim, o IEP português conserva a coerência conceptual com o modelo teórico, reforçando a validade de conteúdo.

No que diz respeito à validade convergente, as correlações entre as subescalas do IEP e as dimensões do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QEDP) demonstraram padrões teóricos consistentes: as práticas positivas (supervisão positiva e comportamento moral) correlacionaram-se positivamente com dimensões democráticas e de suporte parental, enquanto as práticas negativas (negligência, abuso físico, disciplina permissiva) apresentaram correlações positivas com estilos autoritário e permissivo. Estes resultados sustentam a validade convergente do instru-

mento, evidenciando que as dimensões do IEP avaliam construtos próximos, mas não redundantes, aos de outros instrumentos reconhecidos (Sampaio & Gomide, 2017; Costa, Teixeira, & Gomes, 2019). Por seu turno, a validade divergente foi confirmada através das baixas correlações entre o IEP e o WHOQOL-BREF, demonstrando que as práticas parentais avaliadas são construtos distintos da percepção da qualidade de vida. Embora práticas parentais positivas se associem ligeiramente a melhor qualidade de vida, as correlações fracas obtidas são teoricamente coerentes e indicam que o IEP mede um domínio comportamental e relacional específico (Fleck et al., 2000).

A consistência interna da escala total foi elevada ($\alpha = .85$), evidenciando boa fidelidade global. Contudo, algumas subescalas apresentaram valores inferiores a .60 (por exemplo, negligência, disciplina permissiva e supervisão negativa), sugerindo baixa homogeneidade interna. Estes resultados podem dever-se ao número reduzido de itens, à baixa variabilidade das respostas (efeito de chão ou teto) ou à heterogeneidade dos comportamentos descritos (Marôco, 2021). Os valores obtidos alinham-se com os estudos brasileiros originais, em que Gomide (2003) reportou alfas entre .55 e .88 nas diferentes subescalas, e com investigações posteriores (Falcke & Wagner, 2012), que observaram maior consistência nas práticas positivas e variação nas negativas, sugerindo que estas são mais culturalmente sensíveis.

A análise de sensibilidade revelou distribuições assimétricas e curtoses elevadas em várias subescalas, sobretudo nas práticas negativas (ex.: abuso físico). Estes resultados indicam efeitos de chão ou teto, comuns em amostras comunitárias, uma vez que comportamentos coercivos ou abusivos tendem a ser pouco relatados (Paulhus, 2002). Neste âmbito, pode ser importante na prática a triangulação de fontes (cuidadores, professores, técnicos, filhos/as) para validação cruzada da informação, dentro de uma avaliação holística.

Com base nesta amostra portuguesa, foram desenvolvidas tabelas normativas para a população geral e por figura parental. Cerca de 21,5% dos participantes foram classificados em estilo ótimo, 26,1% em regular acima da média, 23,1% em regular abaixo da média e 29,3% em risco; pese embora algumas considerações a ter em atenção associadas a limitações neste estudo (cf. Ponto Limitações). A estrutura fatorial manteve-se, e os padrões de consistência interna são semelhantes aos relatados em amostras brasileiras (Falcke & Wagner, 2012; Sampaio & Gomide, 2017). No entanto, as proporções de classificação diferem ligeiramente: em estudos brasileiros comunitários, Falcke (2012) reportou cerca de 11% de pais classificados em ris-

co, enquanto o presente estudo encontrou 29,3%. Esta diferença pode dever-se a variações amostrais (sociodemográficas, contextuais) e metodológicas, mais do que a diferenças culturais profundas. De forma semelhante, estudos brasileiros com amostras clínicas ou em contexto de risco social (Olsen et al., 2022) apresentaram proporções superiores a 50% em risco, confirmando a sensibilidade do IEP para detectar práticas parentais disfuncionais. Assim, a amostra portuguesa posiciona-se entre as faixas comunitária e de risco encontradas no Brasil.

Corroborando estes dados obtidos com a versão portuguesa do IEP quanto às práticas parentais, importa registrar outro estudo português de Abrahamyan e col. (2024), com recurso a dados de 5.281 participantes crianças de 7 anos de idade, para aferir as práticas disciplinares parentais, e que concluíram que as crianças referiram ser frequentemente sujeitas a práticas disciplinares parentais violentas, independentemente da origem socioeconómica da família, recomendando por isso, a urgência na sensibilização pública nacional para os efeitos negativos das práticas disciplinares violentas, promovendo abordagens disciplinares não violentas e adequadas à criança.

Nesta conformidade, estudos europeus e latino-americanos têm identificado padrões semelhantes de práticas parentais. Investigações realizadas em Portugal (Rancheiro, 2023) e no Brasil (Gomide, 2011) sugerem que práticas positivas – caracterizadas por afeto, supervisão e comportamento moral – associam-se a ajustamento psicossocial e menor prevalência de problemas de comportamento nas crianças. Em contrapartida, práticas parentais desajustadas, têm impacto no desenvolvimento integral da criança, como fundamentado numa recente revisão de literatura (Yanxue, & Bhaumik, 2024). e em diversos estudos (Awiszus & Vaisarova, 2022; Feller, 2014; Kaniušonytė & Laursen, 2020; Kausar & Afaq, 2024; Khanum, Set al., 2023). Correlacionam-se com problemas de comportamento, dificuldades socio-emocionais, ansiedade, maior risco de agressividade e comportamentos antissociais, dificuldades escolares, transmissão intergeracional de dejustes na parentalidade (Adisiswanto & Faridha, 2024; Badiger, 1995; Chopin, Fortin & Paquette; 2022, Criss et al., 2021; Gershoff & Grogan-Kaylor, 2016; Krasanaki, et al. 2022; Lansford et al., 2015; Patterson et al., 1992, cit in Gomide, 2021; Sangawi et al., 2015; Sarac, 2024). Jin (2023), discute no seu artigo como os estilos parentais afetam a adaptação e o desenvolvimento social das crianças, utilizando a teoria dos estilos parentais de Baumrind. Estilos parentais adequados podem nutrir a autoestima, a confiança e as competências sociais das crianças, enfatizando a importância do ambiente familiar para o desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança. O cuidado, o afeto e o apoio

podem impulsionar o desenvolvimento emocional infantil e proporcionar uma base segura para a vinculação. Ao mesmo tempo, o estabelecimento de regras, limites e responsabilidades auxilia as crianças no desenvolvimento do autocontrole e das capacidades cognitivas.

Os dados portugueses confirmam tendências descritas internacionalmente: mulheres reportam mais práticas positivas e menos práticas negativas do que homens, e níveis de escolaridade mais baixos associam-se a práticas parentais menos ajustadas. Hein e col. (1994) detetaram fatores associados à parentalidade que diferiram entre os participantes do sexo masculino e feminino. No estudo de Stephens (2009) as mães comparativamente com os pais, em média, passavam mais tempo com os seus filhos, dedicavam mais tempo aos cuidados com os filhos, eram vistas como mais superprotetoras e mais carinhosas, passavam mais tempo de qualidade com os seus filhos e ainda conversam com eles com mais frequência atualmente. Timothy e Stacey (2010) registaram diferenças médias que favorecem as mulheres em relação aos homens nas competências parentais. Gouveia e col. (2016) revelaram resultados semelhantes relativamente às diferenças parentais entre pai e mãe, revelando este estudo uma atitude parental mais autoritativa, associada ao sexo feminino. Abrahamyan e col. (2024) num estudo transversal, em Portugal, observaram diferenças estatisticamente significativas, especificamente os pais demonstraram maior probabilidade do que as mães de se envolverem em agressões psicológicas e castigos corporais, enquanto as mães eram mais propensas a envolverem-se em agressões físicas graves e muito graves. Para Liu (2023) o género influencia os modos parentais, sendo que as mães tendem a adotar estilos parentais autoritativos, enquanto os pais tendem a favorecer estilos autoritários ou permissivos. Para Lamprianidou et col. (2025) no que diz respeito a diferenças entre pais e mães na parentalidade, constataram crenças do pai mais associadas a um menor envolvimento interpessoal, responsividade e apoio à autonomia, enquanto para a mãe as crenças mais associadas à superproteção e controlo.

Quanto às habilitações literárias Gouveia e col. (2016) conseguiram nos seus estudos obter resultados relativamente às práticas parentais associadas às habilitações dos educadores, os autores contataram que os pais que concluíram um grau académico superior demonstravam práticas parentais mais positivas e associadas ao estilo parental autoritativo. Davis-Kean e col. (2019) registaram sobre a importante relação entre o nível de escolaridade dos pais e a construção do ambiente familiar em que as crianças se desenvolvem. Criss et al. (2021) sugerem, entre outras razões, o impacto das baixas habilitações literárias na parentalidade. Li e Zhan (2023) constataram uma

correlação positiva significativa entre a formação educacional dos cuidadores e uma relação positiva entre cuidador-filho/a. Num estudo recente, o nível de escolaridade dos pais foi preditivo do sucesso escolar da criança, da saúde mental materna, do comportamento parental e os problemas de saúde mental na primeira infância (Muschalla et al., 2025). Estudos transculturais têm apontado a influência do nível socioeconômico e da percepção de stress parental sobre a qualidade da parentalidade (Bornstein, 2015).

A percepção da qualidade de vida avaliada pelo WHOQOL-Bref, através de quatro domínios principais: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente, evidenciou uma associação com as práticas educativas no presente estudo, constatando-se que uma melhor percepção de qualidade de vida associa-se a melhores indicadores nas práticas parentais. Outros estudos têm constatado dados similares, por exemplo Lee e col. (2009) sugeriram que a qualidade de vida dos cuidadores primários estava diretamente relacionada com o stress parental, e que o stress parental estava diretamente relacionado com a qualidade de vida das crianças. Num estudo de treino de competências parentais para as mães verificou que melhora a qualidade de vida e diminui o stress percebido pelas mães (Gharibi et al., 2017), num estudo com pais e mães de crianças dos 0 aos 3 anos verificou-se que pontuações mais elevadas de qualidade de vida dos cuidadores estavam significativamente associadas a uma maior competência parental (He, et al., 2025). Noutro estudo de Belire e Özbiler (2025), os resultados confirmaram uma relação positiva entre níveis mais elevados de qualidade de vida familiar e a qualidade de vida relacionada com a saúde das crianças. Numa meta-análise recente, sobre o stress parental e o bem-estar, os resultados indicaram uma associação negativa significativa de magnitude média entre o stress parental e o bem-estar, ou seja, um maior stress parental esteve fortemente associado à redução do bem-estar (Rusu et al., 2025).

De salientar que a adaptação deste instrumento ao contexto português, irá permitir a sua utilização por diferentes profissionais que trabalham com crianças/jovens e com isto obter mais rigor, nas suas intervenções no que concerne à identificação dos estilos parentais dos progenitores em avaliação. Tanto mais que os dados obtidos, apontam para uma grande necessidade de educação parental e de uma conscietização de toda comunidade para práticas parentais positivas para o reconhecimento de estratégias e ferramentas ajustadas, capazes de promover um desenvolvimento saudável das crianças. Aliás, numa meta-análise recente sobre a literacia em saúde nas práticas educativas parentais, observou que os cuidadores de crianças pequenas enfrentam barreiras importantes para

compreender e implementar tarefas básicas de saúde infantil (Araújo et al., 2025). No geral, os resultados enfatizam a necessidade de programas de prevenção e intervenção baseados em evidências para abordar o stress parental e melhorar o bem-estar (Rusu et al., 2025).

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar as propriedades psicométricas da versão portuguesa do *Inventário de Estilos Parentais* (IEP), originalmente desenvolvido por Gomide (2003) no Brasil. A discussão dos resultados obtidos contempla a validade de conteúdo, validade convergente e divergente, fidelidade, sensibilidade e dados normativos, assim como uma comparação com os resultados da versão brasileira e estudos internacionais. O Inventário de Estilos Parentais — Versão Portuguesa apresenta propriedades psicométricas adequadas e comparáveis à versão brasileira, demonstrando validade e utilidade prática na avaliação das práticas educativas parentais. Confirma a aplicabilidade do modelo teórico, sustentando o uso do instrumento em investigação e contexto social, clínico, forense e educacional. No entanto, recomenda-se o aperfeiçoamento das subescalas menos consistentes, o alargamento da amostra normativa e a aplicação de análises de invariância fatorial entre países lusófonos, de modo a consolidar a robustez transcultural do instrumento.

Limitações

A registar limitações neste estudo, sendo estas possibilidades de melhoria para estudos ulteriores. A considerar a amostra reduzida e pouco equilibrada quanto às variáveis sociodemográficas. Não obstante, os dados demonstram boa variabilidade e utilidade clínica, permitindo identificar perfis parentais diferenciados, mas este desequilíbrio limita a generalização nacional (Marôco, 2021).

Apesar destes primeiros resultados serem promissores e sugerirem adequação da versão portuguesa do IEP para o contexto português, o modelo inicial obtido no presente estudo, globalmente ajustado, obteve um valor do RMSEA e CFI mais baixos do que expectável apontando para a necessidade de ulteriores estudos psicométricos confirmatórios, mormente em populações clínicas. Quanto à fidelidade ulteriores estudos poderão considerar uma revisão semântica e eventual ampliação de itens em algumas dimensões, bem como cálculo do coeficiente Omega, mais robusto para instrumentos multidimensionais. No que diz respeito a sen-

sibilidade, os resultados podem sugerir deseabilidade social e reforça a importância de utilizar métodos estatísticos adequados (e.g., estimadores robustos para dados ordinais, como WLSMV estimator). Poderá ainda ser útil, complementar esta versão do IEP para pais, com a a versão do IEP para crianças/jovens, permitindo cruzando de dados.

Referências Bibliográficas

- Abrahamyan, A., Soares, S., Fraga, S., & Barros, H. (2024). Prevalence of parental violent discipline toward children: Findings from a Portuguese population. *Journal of Interpersonal Violence*, 39(9-10), 1881-1904.
- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A. T., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M. F., & Ribeiro dos Santos, M. (2010). Avaliação e promoção de competências parentais. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.
- Adisiswanto, A. E., & Faridha, N. (2024). The impact of parenting patterns on social-emotional children development. *SINERGI: Jurnal Riset Ilmiah*, 1(5), 261-266.
- Alarcão, M. (2006). *Família: Sistema e desenvolvimento*. Quarteto.
- Altafim, E.R.P., Souza, M., Teixeira, L., Brum, D., Velho, C. (2023). O Cuidado Integral e a Parentalidade Positiva na Primeira Infância. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). <https://www.unicef.org/brazil/media/23611/file/o-cuidadointegral-e-a-parentalidade-positiva-na-primeira-infancia.pdf>
- American Academy of Child and Adolescent Psychiatry. (2007). Practice parameter for the assessment of the family. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*.
- American Psychological Association. (2013). Guidelines for psychological evaluations in child protection matters. *American Psychologist*, 68(1), 20—31. <https://doi.org/10.1037/a0029891>
- Austin, W. G., & Kirkpatrick, H. D. (2004). The investigation component in forensic mental health evaluations: Considerations in the case of parenting-time evaluations. *Journal of Child Custody*, 1(1), 23—43.
- Awiszus, A., Koenig, M., & Vaisarova, J. (2022). Parenting styles and their effect on child development and outcome. *Journal of Student Research*, 11(3), 3-12.
- Badiger, P. M. (1995). Effect of parenting style on the social development of children [Dissertação de mestrado não publicada].
- Bargas, J. A., & Lipp, M. E. N. (2013). Estresse e estilo parental materno no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17(2), 205-213.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43—88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1, Pt. 2), 1—103.

- Belir, N., & Özbiler, Ş. (2025). Caregivers' gender as a moderator in the relationship between family quality of life and children's health-related quality of life. *Vulnerable Children and Youth Studies*, 20(2), 208-220.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83—96.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107(2), 238-246.
- Bentler, P. M. (1992). On the fit of models to covariances and methodology to the Bulletin. *Psychological Bulletin*, 112(3), 400-404.
- Biblarz, T. J., & Stacey, J. (2010). How does the gender of parents matter? *Journal of Marriage and Family*, 72(1), 3-22.
- Bornstein, M. H. (2015). Children's parents. In M. H. Bornstein & T. Leventhal (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science* (7.^a ed., Vol. 4, pp. 55—132). Wiley.
- Brazelton, T. B., & Greenspan, S. I. (2002). *As necessidades básicas da criança*. Ter-ramar.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology* (5.^a ed., pp. 993—1028). Wiley.
- Budd, K. S. (2001). Assessing parenting competence in child protection cases: A clinical practice model. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 4(1), 1—18. <https://doi.org/10.1023/A:1009548509598>
- Byrne, B. M. (2016). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming* (3.^a ed.). Routledge.
- Byrne, B. M., & Watkins, D. (2003). The issue of measurement invariance revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 34(2), 155-175.
- Carapito, E. S. L. (2017). *Estilos parentais educativos: Estudo de validação e efeitos no ajustamento da criança* [Tese de doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Cardoso, A. M. R. (2011). *Tornar-se mãe, tornar-se pai: Estudo sobre a avaliação das competências parentais* [Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório UCP. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20745>
- Choate, P. (2009). Parenting capacity assessments in child protection cases. *The Forensic Examiner*, 52-60.

- Chopin, J., Fortin, F., & Paquette, S. (2022). Childhood victimization and poly-victimization of online sexual offenders: A developmental psychopathology perspective. *Child Abuse & Neglect*, 129.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M., & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55(2), 218—232. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.2.218>
- Costa, C., Teixeira, A., & Gomes, A. R. (2019). Parenting styles and psychological outcomes: A Portuguese validation of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 32(1), 1—10.
- Criss, S., Grant, L., Henderson, N., Sease, K., Fumo, M., & Stetler, C. (2021). Changing attitudes about spanking: A mixed-methods study of a positive parenting intervention. *Journal of Child and Family Studies*, 30(10), 2504-2515.
- Cruz, O., Canário, C., & Barbosa-Ducharne, M. (2018). Questionário de Estilos Educativos Parentais revisto (QEEP-r): Estudo psicométrico e análise da invariância da medida para mães e pais. *Análise Psicológica*, 36(3), 383—397.
- Davis-Kean, P. E., Tang, S., & Waters, N. E. (2019). Parent education attainment and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (3.^a ed., pp. 400—420). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429401459-12>
- Department of Health. (2000). *Framework for the assessment of children in need and their families*. The Stationery Office.
- Di Pasquale, R., & Rivolta, A. (2016). Parenting capacity assessment for the court in a multifamily group setting. *Frontiers in Psychology*, 7, Artigo 1882. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01882>
- Faco, V. M. G., & Melchiori, L. E. (2009). Conceito de família: Adolescentes de zonas rural e urbana. In *Aprendizagem e desenvolvimento humano: Avaliações e intervenções* (pp. 1-16). Cultura Acadêmica.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2012). Parental styles and child behavior: Evidence from Brazilian samples. *Psico-USF*, 17(3), 415—426.
- Feller, A. L. (2014). *Parenting styles and their effect on child development outcomes* [Tese de doutoramento, University of Wisconsin-Stout].
- Fleck, M. P., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L., & Pinzon, V. (2000). Application of the Portuguese version of the WHOQOL-BREF. *Revista de Saúde Pública*, 34(2), 178—183.
- Gershoff, E. T., & Grogan-Kaylor, A. (2016). Spanking and child outcomes: Old controversies and new meta-analyses. *Journal of Family Psychology*, 30(4), 453—469.

Gharibi, H., Sheidai, A., & Rostami, C. H. (2017). The effectiveness of parenting skills training on attachment, perceived stress and quality of life in mothers of preschool children. *Journal of Health and Care*, 18(4), 292-305.

Gomide, P. I. C. (2003). *Inventário de estilos parentais (IEP): Modelo teórico e manual de aplicação*. Vozes.

Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Vozes.

Gomide, P. I. C. (2011). *Educação familiar: O modelo de estilos parentais*. Vozes.

Gomide, P. I. C. (2021). *Inventário de estilos parentais — IEP: Fundamentação teórica, instruções de aplicação, apuração e interpretação (4.ª ed.)*. Juruá Editora.

Gouveia, M. J., Carona, C., Canvarro, M. C., & Moreira, H. (2016). Self-compassion and dispositional mindfulness are associated with parenting styles and parenting stress: The mediating role of mindful parenting. *Mindfulness*, 7(3), 700-712.

He, W., Zhou, L. S., & Hu, L. Y. (2025). Association between the parenting competence and quality of life of family caregivers of children aged 0-3 years: Cross-sectional study. *JMIR Pediatrics and Parenting*, 8, e67872.

Hein, C., & Lewko, J. H. (1994). Gender differences in factors related to parenting style: A study of high performing science students. *Journal of Adolescent Research*, 9(2), 262-281.

Hill, M. M., & Hill, A. B. (2002). *Investigação por questionário (2.ª ed.)*. Edições Sílabo.

Horácio, A. F. G. (2018). *Aprender na interação: Efeitos dos estilos parentais na capacidade de aprendizagem com base em feedback [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]*.

Houston, S. (2014). Assessing parenting capacity in child protection: Towards a knowledge-based model. *Child & Family Social Work*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1111/cfs.12151>

Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1-55.

Jin, J. (2023). The impact of parenting styles on children's social adjustment and development. *Journal of Education, Humanities and Social Sciences*, 22, 867-872.

Kanišonytė, G., & Laursen, B. (2020). Parenting styles revisited: A longitudinal person-oriented assessment of perceived parent behavior. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(1), 210-231. <https://doi.org/10.1177/0265407520960818>

- Kausar, R., & Afaq, U. (2024). The effects of parenting styles on child development. *Jahan-e-Tahqeeq*, 7(2), 856-866.
- Khanum, S., Mushtaq, R., Kamal, M. D., Nishtar, Z., & Lodhi, K. (2023). The influence of parenting styles on child development. *Journal of Policy Research*, 9(2), 808-816.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. Guilford Press.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2.^a ed.). Guilford Press.
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling* (4.^a ed.). Guilford Press.
- Krasanaki, A., Vasiou, A., & Tantaros, S. (2022). Parenting styles and social behavior of children and adolescents. *Psychology: The Journal of the Hellenic Psychological Society*.
- Lamprianidou, E. A., Eira Nunes, C., Antonietti, J.-P., & Van Petegem, S. (2025). Intensive parenting among mothers and fathers: Identifying profiles and examining differences in parental involvement. *Journal of Family Psychology*, 39(5), 675—686. <https://doi.org/10.1037/fam0001283>
- Lansford, J. E., Sharma, C., Malone, P. S., Woodlief, D., Dodge, K. A., Oburu, P., ... & Pastorelli, C. (2015). Corporal punishment, maternal warmth, and child adjustment: A cross-cultural study. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 43(4), 670—685.
- Lee, C. F., Hwang, F. M., Chen, C. J., & Chien, L. Y. (2009). The interrelationships among parenting stress and quality of life of the caregiver and preschool child with very low birth weight. *Family & Community Health*, 32(3), 228-237.
- Li, C., & Zhan, Y. (2023). The influence of parents' educational background on parent-child relationship. *SHS Web of Conferences*, 180, 02034.
- Liu, R. (2023). The role of gender in parenting styles and their effects on child development. *Notes in Educational Psychology and Public Media*, 18, 114-119.
- Loureiro, N., & Pogueiro, J. (2021). Estilos, práticas e estratégias educativas. In C. S. Peixoto & M. S. Oliveira (Eds.), *Acolhimento residencial de crianças e jovens em risco: Conceitos, prática e intervenção* (pp. 291-300). Pactor.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent—child interaction. In P. H. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology* (4.^a ed., Vol. 4, pp. 1—101). Wiley.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3.^a ed.). Edições Sílabo.

- Marôco, J. (2021). *Análise estatística com o SPSS Statistics (7.ª ed.)*. Edições Sílabo.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. Harper & Row.
- Melo, A. T., & Alarcão, M. (2015). Instrumentos para avaliação da capacidade parental e familiar em situações de risco. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 73—85. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015010753073085>
- Miller, P., et al. (2023). Toddler home math environment: Triangulating multi-method assessments in a U.S. sample. *Frontiers in Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1105569>
- Muschalla, B., Job, A. K., & Schulz, W. (2025). Parents' educational background and child's learned skills are more predictive for a positive school career than earlier parenting behavior or child's mental health. *Children*, 12(4), 506.
- Olsen, J. P., Pereira, C., & Araújo, L. (2022). Parenting and family risk factors in Brazilian children. *Psychology and Education Journal*, 59(2), 45—59.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Legis Editora.
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: The evolution of a construct. In H. Braun, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49—69). Erlbaum.
- Pereira, C., & Alarcão, M. (2010). Avaliação da parentalidade: Da teoria à prática. *Revista de Psicologia*, 28(2), 45—60.
- Pinho, A. C. S. (2015). Realidade(s) familiares de crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais: Avaliação das competências parentais – Estudo de casos múltiplos [Trabalho de Mestrado]. Escola Superior de Educação de Viseu.
- Platt, D., & Riches, K. (2019). Assessing parental capacity to change. In J. Horwath & D. Platt (Eds.), *The child's world: The essential guide to assessing vulnerable children, young people and their families (3.ª ed., pp. 230—249)*. Jessica Kingsley Publishers.
- Rancheiro, M. (2023). Práticas educativas parentais e bem-estar infantil: Evidência empírica em famílias portuguesas. *82Análise Psicológica*, 41(1), 55—70.
- Reder, P., Duncan, S., & Gray, M. (2003). *Beyond blame: Child abuse tragedies revisited*. Routledge.
- Relvas, A. (2003). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Quarteto. ⁸⁷
- Rusu, P. P., Candel, O. S., Bogdan, I., Ilciuc, C., Ursu, A., & Podina, I. R. (2025). Parental stress and well-being: A meta-analysis. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1-20.

- Rutter, M. (1985). Family and school influences on cognitive development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 26(5), 683—704.
- Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2017). Inventário de estilos parentais (IEP) — Gomide (2006) percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15—26.
- Sandi, D. F., Yosin, E. P., & Masruroh, M. (2024). The urgency of holistic parenting in optimising child development. *International Journal of Health and Pharmaceutical (IJHP)*, 4(3), Artigo 355. <https://doi.org/10.51601/ijhp.v4i3.355>
- Sangawi, H., Adams, J., & Reissland, N. (2015). The effects of parenting styles on behavioral problems in primary school children: A cross-cultural review. *Asian Social Science*, 11(22), 171-186.
- Sarac, E. (2024). Impact of parenting styles on preschoolers' behaviors. *World Journal of Clinical Cases*, 12(23), 5294-5299.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research Online*, 8(2), 23-74.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2004). *A beginner's guide to structural equation modeling* (2.^a ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2016). *A beginner's guide to structural equation modeling* (4.^a ed.). Routledge.
- Stephens, M. A. (2009). Gender differences in parenting styles and effects on the parent-child relationship [Tese de licenciatura, Texas State University-San Marcos].
- Ullman, J. B. (2001). Structural equation modeling. In B. Tabachnick & L. Fidell (Eds.), *Using multivariate statistics* (4.^a ed., pp. 653-771). Allyn & Bacon.
- Victória, A., Costa, C., Cordeiro, M., Santos, A. P., Tavares, M., & Tavares, P. (2024). Transição para a parentalidade: Estratégias promotoras utilizadas pelos profissionais de saúde. *Revista Portuguesa De Investigação Comportamental E Social*, 10(1), 1—19. <https://doi.org/10.31211/rpics.2024.10.1.324>
- Ward, H. (2014). Assessing parental capacity to change when children are on the edge of care: An overview of current research evidence (DfE Research Report RR369). Department for Education, UK. s
- White, S. (2005). Good parenting and child protection. *British Journal of Social Work*, 35(8), 1283—1299.
- Yanxue, W., & Bhaumik, A. (2024). The impact of parenting styles on child development: A comprehensive review. *Prestieesci Research Review*, 1(1).